VI Colóquio Internacional
"A educação pelas imagens e suas geografias"

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

DESFAZER UMA IMAGEM DE HORTA ESCOLAR: FAZER GEOGRAFIA NO CONTATO COM A TERRA

Larissa Marchesan

Universidade do Estado de Santa Catarina

Lari.marchesan@gmail.com

Resumo

O texto é um desdobramento de experiências que ocorreram no espaço dos fundos do terreno da Escola de Educação Básica Simão José Hess, chamado de hortajardim. Trata-se de movimentar uma geografia escolar e de questionar a escolarização imposta a outros espaços dentro das escolas, como as hortas. Aqui, apontarei algumas possibilidades que se abrem ao produzir geografia a partir do contato com a terra e com as marcas deixadas nela. A intenção é romper com a representação única de horta escolar e mostrar a potência que as plantas, chamadas de invasoras ou mato, possuem para a educação geográfica. Deixar crescer o mato e observar sua proliferação para compreender a multiplicidade do espaço como dispositivo disparador de ciência geográfica.

Palavras-Chave: Educação em geografia; oficinas; hortas escolares; imagens.

INTRODUÇÃO

Estes escritos tratam de movimentar uma geografia criada a partir do contato com à terra, com as marcas deixadas na terra. O território que permitiu o estudo é um espaço localizado aos fundos do terreno da Escola de Educação Básica Simão José Hess, no bairro Trindade, em Florianópolis (SC), que chamo de *hortajardim*. Este é um terreno de 10m por 26m, aparentemente pequeno, que já foi chamado de "horta escolar", "horta agroecológica" ou apenas "horta". O nome variava de acordo com quem o ocupava. Esse lugar antigamente servia como depósito de entulho e restos de construção. Porém, a partir de 2012, iniciou-se um processo de modificação pelas mãos de um grupo de estudantes vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID, subárea Geografia/FAED/UDESC), que, com permanência, insistência e um trabalho contínuo, conseguiram transformar um chão feito de entulho em terra fértil. Movimento-me na *hortajardim* desde 2016, inicialmente como bolsista do PIBID, subárea Geografia e, depois, como bolsista de Extensão no "Programa Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora do ensino e da pesquisa", ambos coordenados pela

Profa. Dra. Ana Maria H. Preve. Foram anos como graduanda interagindo diariamente com outro espaço escolar.

A partir de toda essa vivência, percebi o quanto as hortas escolares funcionam no mesmo esquema das disciplinas e do tempo escolar. Um espaço com características diferentes do restante da escola, mas que funciona também no modo de escolarização. Visto que, ao finalizar o ano letivo ou nas férias, as hortas são esquecidas e o mato toma conta de tudo; ao retornar do recesso, eu era atravessada pela frustração de ter que iniciar do "zero", pois o que é uma horta com seus espaços bem definidos se transforma em uma espécie de matagal, onde não é possível ver nem o começo, nem o fim, nem identificar o local dos canteiros, muito menos encontrar o pé de alface. Além da escolarização, há uma imagem única, bem definida, enraizada no nosso imaginário do que seria uma horta escolar: canteiros retos, feitos com garrafas pet., mudas em caixas de leite, pneus usados... A nossa horta era igual. Com as mesmas plantas de sempre, havia o canteiro da alface, da cenoura, da couve, da cebolinha, da salsicha, entre outras. O mato não poderia crescer em nenhum lugar, muito menos invadir o canteiro de uma hortaliça, mas na pausa escolar, ele é invadido por herbáceas e inicia um rápido processo de substituição de espécies. Alface perde espaço. Couve perde espaço e assim por diante. Por bastante tempo, essa invasão incomodou, pois, eu não enxergava que o mato também é matéria de estudo, também é planta. Assim, o que brotava espontaneamente por lá e antes era arrancado, começou a ganhar espaço, cuidado e observação. Entretanto, isso não quer dizer que se abandonou a couve ou a alface; quer dizer que, no mesmo canteiro, coabitavam a couve, a alface e uma espécie não identificada. Apenas consegui compreender a importância de deixar crescer o mato porque a ocupação do espaço utilizando de oficinas, enquanto acompanhamento de processos, nos dá a oportunidade de pensar o acontecimento das proposições[1].

[1] Gostaria de pontuar que a experiência, o trabalho e a colheita foram, sempre, em parceria com Lívia de Souza Carvalho Selhane. Além de dividir as tarefas, ela também proporcionou amparo e sustento para ajudar a pensar outros modos de fazer geografia na *hortajardim*.

HORTAJARDIM

O termo *hortajardim* surgiu ao perceber que o conceito de "horta" não cabia mais naquele espaço. Para isso, recorri ao dicionário para procurar o significado de "horta", que seria um "terreno não muito extenso onde são cultivadas plantas que servem de alimento ao homem" (HOUAISS, 2009, p. 1035). Naquele local, era produzido alimento, mas também outras coisas. Mas, se não era mais uma horta, o que seria? Recorri ao dicionário novamente, procurei a palavra "jardim" e dizia ser "um terreno onde se cultivam flores e plantas ornamentais para lazer ou estudo" (HOUAISS, 2009, p. 1127). Aquele lugar já não era totalmente uma horta, mas também não era totalmente um jardim. Por isso, comecei a denominá-lo como *hortajardim*, pois era algo que estava no meio disso, entre jardim e horta: era um lugar onde o cultivo se fez presente. Possuía as características dos dois mundos. O espaço da *hortajardim*, agora, caracteriza-se por ser um ambiente ao ar livre, com diversas espécies de plantas (manacá-da-serra, pimentão, ora-pro-nóbis, jasmim, dorme-dorme, tomate-cereja, entre outras, muitas não identificadas), com canteiros retos e outros nem tanto[2].

O espaço nos ensina, por si só, por suas características e pelas especificidades que o constituem. As plantas que ocupam alguns desses espaços nos possibilitam aprender, ensinar e cativar os interesses nossos e de nossos estudantes. Elas nos ensinam por sua existência, ou inexistência, por sua incessante proliferação de tempo, de espaço, de encontros e por sua declinação do ser. Com elas, aprende-se sobre o mundo. Assim, recorro o que diz Coccia (2018, p. 41) sobre a imersão: "é em primeiro lugar uma ação de compenetração recíproca entre sujeito e ambiente, corpo e espaço, vida e meio". A natureza é o tempo-espaço em que nos compenetramos com o mundo das plantas, pois, ao colocar a mão na terra, ao andar descalço ou ao colocar os pés na terra molhada, nos relacionamos com o solo e com seus conteúdos. Ao analisarmos o crescimento e ao cuidarmos das plantas, nos colocamos em contato com um ser

[2] Há um texto escrito por mim, Lívia de Souza C. Selhane e Ana Maria Hoepers Preve, intitulado "Hortas escolares na educação geográfica: reflexões sobre um modo de fazer", um audiovisual (link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=EsLHFhuimrg) e o meu Trabalho de Conclusão de Curso, que recebeu o título de "Brincar fazendo geografia: experiências na terra e com a terra", que contam com detalhes como ocorreu a transformação do espaço da horta.

vivo que possui um movimento e uma velocidade diferentes dos nossos e todas as relações que provem daí seriam importantes para se aprender sobre o que significa "estar-no-mundo".

O propósito deste texto não é o de apresentar o trabalho ou as experiências que ocorreram no território da *hortajardim*, mas de movimentar o modo de ver a geografia e as hortas escolares. Pode-se dizer que o que se fez foi acompanhar os processos de transformação do espaço e saber o que ocorre quando algo não acontece mais da mesma forma. Ocupar espaços que permitem o contato com à terra e com as plantas é produzir conhecimento geográfico, é afetar e ser afetado pelas coisas do mundo, é criar matéria de estudo, é dedicar uma atenção a essa geografia que se faz junto aos espaços abertos, sem o controle disciplinar e com cuidado com o mundo. Assim, as materialidades de diferentes espaços e como eles são constituídos nos dão subsídio para propor práticas educativas, visto que identificar suas singularidades e compreender as relações que se estabelecem é um modo de fazer geografia.

Trata-se de abrir um "tempo outro" e um "espaço outro". O "tempo outro" se refere a um tempo demorado, um tempo livre, um tempo de *scholé* onde as crianças podem brincar sem os limites do tempo disciplinar, fugindo um pouco da lógica do tempo que marca o funcionamento da escola, com sua grade de matérias bem definidas. A intenção é romper com essas delimitações e mostrar ser possível fazer e estudar geografia durante uma brincadeira, sem a marcação do tempo escolar. O "espaço outro" se refere à *hortajardim* ou a qualquer ambiente ao ar livre; um espaço variado no espaço escolar que possua outros elementos: mato, flores, árvores, insetos etc. Um espaço que possibilite o contato com a natureza.

CONCLUSÃO

Como dito anteriormente, cada espaço possuí características próprias e relações que se constituem de formas diferentes. Assim, foram justamente essas singularidades dos espaços e sua relação com a educação e com a geografia que busquei assinalar aqui. Paulo Freire (2018, p. 45), diz que "há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço". Deste modo, podemos utilizar do espaço para observação, para invenção, para grafar e para tornar visível o que está invisível, recorrer das suas multiplicidades como disparadoras de uma estratégia de

produção de outros modos de geografias e não para a representação de modelos: por exemplo, um modelo de horta escolar. Trata-se de perseguir as marcas deixadas na terra e prestar atenção na forma de ocupar o espaço das plantas, principalmente aquelas chamadas invasoras: o mato, que brota, cresce e resiste; para desmanchar uma imagem única de horta escolar, romper com suas amarras e tornar possível uma geografia criada a partir do contato com à terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas:** uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 56. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda., 2018.

MARCHESAN, Larissa. **Brincar fazendo geografia:** experiências na terra e com a terra. 2019. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade do Estado de Santa